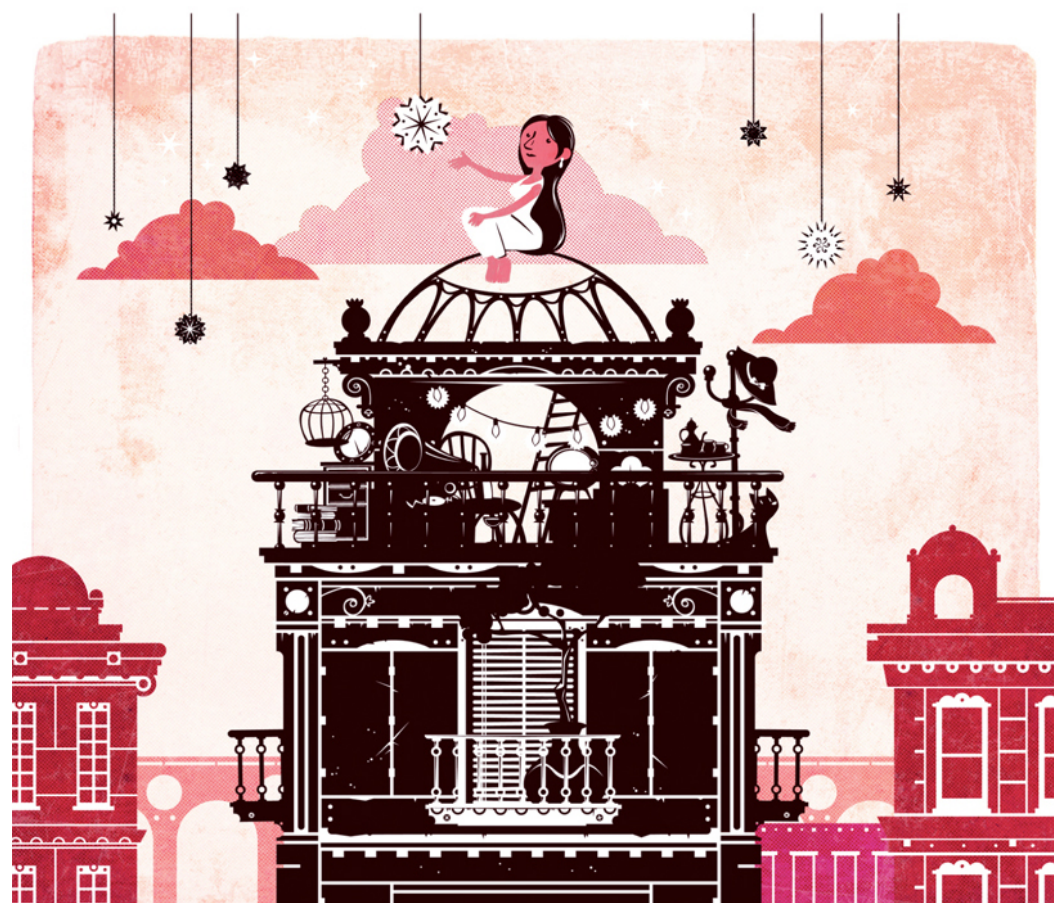


ADRIANA FALCÃO

Procura-se um amor

CRÔNICAS



SALAMANDRA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

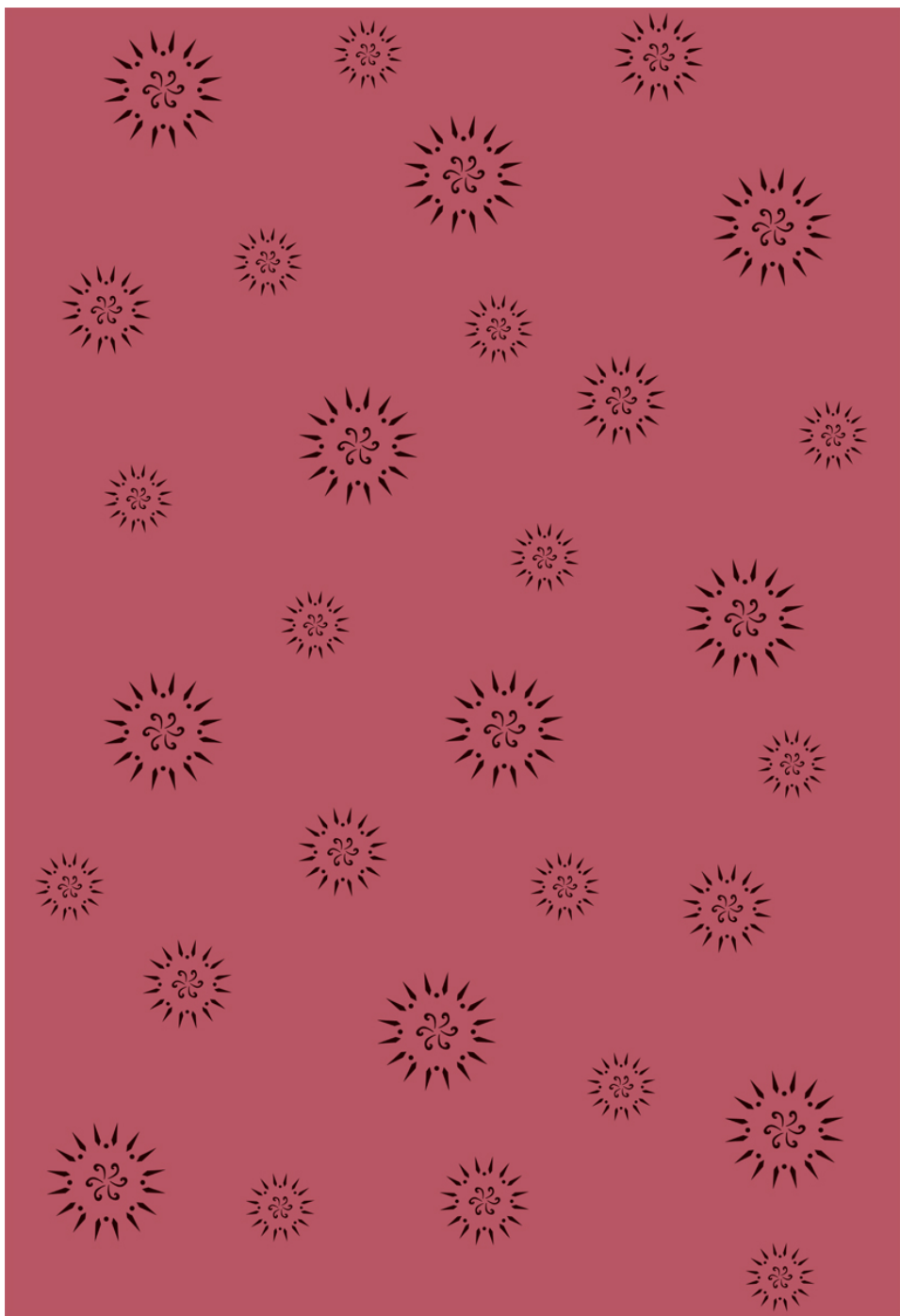
ADRIANA FALCÃO

Procura-se um amor

CRÔNICAS



SALAMANDRA



ADRIANA FALCÃO

Procura-se um amor



SALAMANDRA



DA VIDA

A babá

Ela veio do interior. Onze irmãos. Começou a ajudar a mãe logo cedo, tomou conta de menino, catou piolho, caiu muro, passou fome, cortou cana. Um dia veio pro Rio de Janeiro, “agora sim o negócio vai ser outro”. E lavou roupa, levou golpe, fez faxina, trabalhou em casa de madame, lustrou prata, engomou vestido de festa, levou gato angorá em pet shop, arrumou criança pra aula. Hoje ela cuida de uma velhinha bem velhinha que infelizmente não sai mais da cama. Logo no primeiro dia de serviço, avisaram que Dona Diva não falava. Porque duvidou disso, ela foi logo puxando conversa.

– A senhora tem cara de quem gosta de sorvete.

Breve silêncio.

– A mocinha falou comigo?

– Falei que a senhora tem cara de quem gosta de sorvete.

– Gosto muito do de pistache porque é verde.

– Com casquinha de biscoito?

– E muita calda por cima. O Major sempre me trazia quando chegava da rua. Ele nunca deixou de me trazer nem que fosse um bombonzinho, um perfuminho, uma margarida...

A partir de então Dona Diva falava o dia inteiro.

– Quantos anos eu tenho mesmo?

– Noventa e um.

– Mentira sua.

Agora sim, ela aprendeu. Sempre que a patroa perguntava a própria idade, ela respondia “cinco”. Ou doze. No máximo, vinte. A velhinha ficava feliz da vida.

- Tão engraçadinha essa menina.
- Não é menina, dona Diva, é o cachorro.
- Vocês pensam que me enganam.

O cachorro da casa passou a ser uma menina pra agradar Dona Diva, que nunca gostou muito de cachorro. Precisa ver como ele fica lindo de lacinho e de vestido.

- Você não vai me levar na escola hoje?
- É mesmo. Que burrice a minha. Vou só engomar o seu uniforme primeiro.

- Você é muito demorada.
- A senhora é que não imagina o trabalho que dá pra passar aquela saia, prega por prega.

Mentira nem sempre é mentira de verdade. Esse tipo de filosofia ela aprendia no dia a dia.

- Vá tomando seu suquinho enquanto eu vou buscar a toalha.
- Pensa que eu não sei que você bota remédio dentro? E pode esquecer o banho.

Além de babá, ela passou a acumular as funções de enfermeira, mágica, diplomata, carteiro e autora de cartas fictícias.

- Olha o que acabou de chegar: carta de Alzira, sua amiga de infância.
- Finalmente. Cadê meus óculos?
- Deixa que eu leio pra senhora. “Querida Diva, por aqui está tudo bem, graças a Deus...”

(Desde a Segunda Guerra dona Alzira não dá notícias.)

- E cadê Olavinho que nunca mais apareceu?
- Tá ótimo. Bonito. Gordo. Mandou avisar que semana que vem aparece sem falta.

(Olavinho não dá as caras há mais de trinta anos.)

- Não está na hora do meu balé?

– Seu balé não é hoje não, dona Diva. É dia de terça e quinta.

Quando esquecia as coisas, a velhinha ficava tão triste que não custava nada dar uma mãozinha.

– Eu preciso telefonar pro... Pra... Pro...

– Pro seu professor de piano.

– Que professor de piano, menina! Eu preciso telefonar pra...

– Pra costureira?

– Já disse que não.

– Claro que não. A senhora precisa ligar pro seu avô que hoje é aniversário dele.

– Você quer parar de me atrapalhar? Eu já lembrei. Preciso telefonar pro Major pra saber se ele vai atrasar pra janta.

(O Major morreu em 69.)

– Pode deixar que eu ligo. – (Disca um número qualquer.) – Só dá ocupado.

– Quantos anos eu tenho mesmo?

– Dezesseis.

– Então deixa pra lá. Com dezesseis eu não conhecia o Major ainda.

– É mesmo. Que burrice a minha.

A rainha

Dona Ana de Ouro Preto, um subúrbio do Recife, Pernambuco, quando teve mais um bebê, parou um pouco e pensou.

Colocou então todas as sílabas que existem dentro de um saco.

Balançou, balançou, balançou e sorteou.

Na.

Ta.

Ra.

Ney.

E assim ficou o nome da menina.

Natara Ney não entendia muito bem uma coisa ou outra.

Por que seus irmãos tinham nomes normais?

Por que entre as pessoas do mundo também existiam as más?

Por que, meu Pai, tanta dificuldade?

Porque sim.

Então vamos lá.

E haja aperreio, calor, muriçoca, grupo escolar, intriga, fofoca, uma danação que só vendo. E haja necessidade.

E haja coragem.

E Natara cresceu.

Mudou.

Lá se foi.

Trabalhou feito uma condenada.

Amou, chorou, deu gargalhadas, acendeu muita vela, Graças a Deus, que era pra ver se o “vamos lá” ia um pouquinho mais fácil.

Problemas com bebida? Nenhum. Ela bebia. Problemas com a vida?

Vivia. Problemas existenciais? Roberto Carlos.

“Olha você tem todas as coisas que um dia eu sonhei pra mim.”

Ela sonhou com ele desde pequena.

Coisa de menina.

Despropósito.

Besteira.

E tinha todos os discos.

E sabia todas as letras.

Gostava de todas as músicas.

Colava foto em agenda.

Não perdia especial de fim de ano.

Vestia azul frequentemente.

E suspirava.

1º de fevereiro, Rio de Janeiro, show do Rei, vinte e duas e trinta.

Imagina se ela ia perder.

Tá doida?

Foi e pronto.

Sentou longe, infelizmente.

Mas na hora que ele entrou, deu aquele negócio lá dentro dela, aquele negócio de sempre.

“Eu te amo, Roberto.”

Só se ouviu foi o berro.

Um segundo, dois segundos, dois e meio, dois e setenta e cinco...

“Eu também te amo.”

Ele respondeu pra ela.

Roberto Carlos.

Ele mesmo.

Não acredita?

Pois eu juro.

Agora finalmente ela entendeu.

A sorte de dona Ana sorteou “Na Ta Ra Ney” só mesmo pra rimar com “Rei”.

Parece até que ela sabia que a menina ainda ia ser Rainha um dia.

Ameaça

Como tinha certeza absoluta de que ia ficar doida de uma hora para a outra, só não sabia exatamente quando, dona Emilianiana se tornou vigia dela própria.

Nome completo, endereço, telefone, número da carteira de identidade, CPF, filiação, data de nascimento dos filhos, a capital do Acre, a seleção de 70, o plural de bem-me-quer, a letra do Hino Nacional, tudo certo? Tudo. Ufa!

Ainda estava completamente lúcida.

Então não podia perder tempo.

– Melhor lavar logo essa louça ou eu não vou ter sossego, quando endoidar, só de pensar que deixei a cozinha nesse estado.

E lavava logo a louça.

E aí varria a sala.

Não podia ver camisa com botão faltando.

Jamais deixava faltar açúcar.

Botava o leite do gato.

Adiantava o almoço de amanhã, sabe Deus?, para ninguém dizer que ela fez o desaforo de deixar os outros com fome.

Antes de dormir, anotava as coisas pendentes numa lista, para o caso de o juízo aproveitar para escapar durante o sono.

Quando acordava, de manhãzinha, sempre pensava “é hoje”.

E a sensação “daqui a pouco eu fico doida” lhe acompanhava o dia inteiro, como uma presença quase viva, uma amiga, ou inimiga, um aviso, uma ameaça.

Para ela, as horas não passavam.

Eram vencidas.

Vitória conseguida graças à novena para Santo Expedito que já durava bem uns dez anos, sem falar no esforço pessoal que ela fazia para conservar a sanidade mental em perfeito estado, apesar da doidice ali por perto, rondando, esperando só uma chance para se instalar na cabeça dela.

Todo cuidado era pouco.

Dona Emiliania ainda tinha muito o que fazer antes de ficar doida:

1 - Comprar um fogão novo, daqueles que acendem sem fósforo.

2 - Trocar a cortina do quarto.

3 - Consertar o abajur da sala.

4 - Assistir ao final da novela.

5 - Ajeitar a vida dos meninos.

6 - Ver Ana Emília vestida de noiva.

7 - Ser avó.

8 - Presenciar a formatura dos netos.

9 - Conhecer a Espanha.

10 - Aprender a tirar raiz quadrada.

E se a lista diminuía, em seguida aumentava de novo, pois imagine se ela lá era burra de deixar tempo ocioso ou espaço vazio para coisa traiçoeira como doidice, que quando chega geralmente não avisa antes.

Por via das dúvidas, foi inventando de tudo para ocupar o pensamento nas horas vagas: decorava os livros da estante, todos em ordem alfabética, assistia a filmes de suspense só para descobrir o assassino, estudava qualquer tema relacionado aos batráquios, dava voltas no quarteirão enquanto exercitava o raciocínio: 194 vezes 321, mais 115, dividido por 97,5.

O pessoal da família estava mais do que acostumado a ver dona

Emiliana correndo de um lado para o outro para distrair o “daqui a pouco”.

Já o resto do povo comentava frequentemente: “essa mulher é doida”; uma enorme desconsideração justo com ela, pessoa tão cuidadosa em assuntos como esse.

A minha escola

Escola Municipal Vereador Carlos Gregório Maranhão

Turma: 4^a C

Prova de Redação

Aluno: Reginelle Carla Gonçalves de Souza

Obs.: Fazer o rascunho a lápis e passar a limpo a caneta.

Boa sorte!

A minha escola

A minha escola é muito bonita.

Ela tem paredes brancas, janelas amarelas, um telhado alaranjado e um portão de ferro bem grande na frente.

E uma árvore sem flores.

E um arame farpado.

E um muro todo pichado cheio de cacos de vidro.

Pra falar a verdade mesmo, a minha escola não é tão bonita assim.

É até meio feinha.

As paredes são brancas só da metade pra cima. Da metade pra baixo, são pretas de sujeira (dos chutes dos meninos). As janelas amarelas têm uns pedaços vermelhos, onde o amarelo descascou. O telhado está caindo. O portão está emperrado.

Na frente da quadra colocaram uma placa onde está escrito “Interditada” desde que aquela chuva forte derrubou a cobertura. (“Interditada” quer dizer que o negócio continua ali, mas ninguém pode entrar.)

*A cesta de basquete está torta há pelo menos dois anos e ninguém conserta.
O pátio é pequeno e apertado. (E calorento.)
O bebedouro está quebrado.
O corrimão da escada também.
A coordenadora falou que o problema é a falta de verba.
Verba é um dinheiro que não chega nunca ou então chega muito depois.
Hoje em dia quase ninguém tem verba pra nada, nem pra pagar o supermercado, por isso mesmo o presidente (ou algum amigo dele) inventou esse negócio de merenda escolar.
A merenda escolar tem duas vantagens:*

- 1 - A pessoa come de graça.*
- 2 - A pessoa não precisa trazer merendeira.*

Quando eu tinha que trazer merendeira pra escola a minha vida era um inferno, porque eu achava muito triste aquele pãozinho embrulhado no guardanapo e a garrafinha de suco. Também porque a minha merendeira era sempre mais feia que as outras.

E também porque os meninos tinham mania de esconder a minha merendeira em algum lugar bem difícil só pra me ver chorando.

Se a escola tivesse mais verba (dizem), a merenda seria melhor e eles iam reformar o refeitório. Ia ser ótimo. As paredes do refeitório são de azulejos verdes e azulejos verdes me deixam nervosa. Parece que o nome disso é depressão. Outra coisa que me deixa nervosa é a pilha de pratinhos de plástico em cima do balcão. Dá muita pena.

O banheiro das meninas tem escrito “Meninas”, mas os meninos raspam a letra “A” e então ficou “Menin s”. As portas das cabinezinhas são todas rabiscadas, mas eu não posso contar quem rabiscou.

Que mais?

Ah! A minha sala.

Até que esse ano eu tive sorte e peguei uma sala mais ou menos boa.

Pelo menos não bate sol a tarde inteira.

Os problemas principais da minha sala são os garotos e as garotas. Eles implicam comigo e elas não gostam de mim. Azar o deles. Pra falar a verdade mesmo, azar o meu que fico sempre sozinha no recreio, menos quando a Christine da 6^a B vem conversar comigo. (Ela gosta do meu irmão.) Quando a Christine falta (lá onde ela mora alaga quando chove) eu vou pra debaixo da escada pra ninguém me ver.

A psicóloga amiga da mulher que trabalha com a minha mãe falou que eu sou uma pessoa “de difícil adaptação”.

Está na cara que ela não conhece as pessoas da minha escola. (Ou as pessoas, em geral).

Que mais?

Ah! Os professores.

Tirando o professor de geografia que namora com todas as alunas do segundo grau, os outros são muito legais, mas são bem tristes.

Parece que o dissídio foi ruim ou algo assim.

Eu só sei que outro dia a professora de educação física estava dizendo que esse salário não dá nem pro ônibus. Vai ver é por isso que ela sempre pega carona com o professor de geografia. Ou não.

A minha tia acha que o ensino da minha escola é precário.

O meu pai acha que precário é o não sei o quê educacional brasileiro, fora os políticos que não resolvem *** nenhuma.

A minha mãe acha que só Jesus salva e que ele vai salvar o não sei o quê educacional brasileiro.

Na minha opinião, eu acho o ensino menos precário do que a hora do recreio, principalmente quando os meninos me chamam de tamborete, magrela, perna fina, esqueleto de anão, etc.

Isso é a pior coisa da minha escola.

A melhor coisa da minha escola é o mapa-múndi.

Antes da moça da biblioteca ser despedida era bom porque a gente podia entrar lá sempre que queria pra olhar o mundo no mapa. Agora a biblioteca está fechada e a diretora explicou que não pode contratar mais ninguém nas atuais condições por causa da folha de pagamento.

O homem do Jornal Nacional diz que é a crise.

Faz tempo.

Almoço de confraternização

Último sábado do ano.

O evento foi combinado com alguma antecedência e divulgado através de cartazes estrategicamente espalhados pela empresa. Além do nome e endereço do restaurante, data, horário e outras informações práticas, um lembrete: “Não esqueça de sortear seu amigo oculto com dona Lourdinha!”. Três anjinhos dourados no topo dos papéis brancos davam um certo ar de convite ao que mais parecia um comunicado.

O chefe, como sempre, foi o primeiro a chegar. Está sentado na cabeceira da enorme mesa, composta de várias mesas agrupadas, ligeiramente incomodado com sua posição de destaque, mas mais incomodado ainda com sua figura solitária no meio do salão. Não para de checar possíveis e-mails em seu celular multifuncional. Não para de balançar as pernas. Não para de olhar para a porta do estabelecimento. Não consegue controlar essa mania de controlar tudo, e isso lhe dá azia. Ou terá sido o *couvert*?

Felizmente, dona Lourdinha, e seu perfume adocicado, adentram o recinto. Enquanto confere o número de lugares à mesa, ela reclama da floricultura “que mandou essas flores em estado de coma em vez dos lindos arranjos que apareciam nas fotos do site”. Distribui, ao longo da mesa, pequenos embrulhos que contém o brinde dos funcionários: *mousepads* com o logo da firma. Pergunta “onde eu me sento?”, enquanto se senta na cadeira à direita do chefe. Comenta que vai sair dali cheirando a porco defumado, enquanto aceita uma linguiça que o garçom lhe oferece.

O pessoal do escritório vai chegando pouco a pouco na churrascaria.

Ao verem seus brindes, todos demonstram uma grande surpresa, como se não tivessem, cada qual de seu jeito, colaborado com a criação, produção, pagamento e recebimento dos mesmos, na semana que passou.

Ali, na vida real, desempenhando o papel de “pessoas”, são muito diferentes daqueles de segunda a sexta, das 9 às 18 horas. Um arriscou uma bermuda, outro comprou uma camisa xadrez especialmente para a ocasião, a telefonista veio de *chiffon* de seda, a auxiliar de contabilidade optou por jeans e camiseta, mas está insegura com o figurino. A secretária, sem roupa de secretária, parece uma moça como qualquer outra. Hoje ela não é portadora de recados, relatórios ou afins, mas apenas de um pacote de presente. Coitada. Foi ela que sorteou o chefe no amigo oculto e essa é a terceira vez que essa tragédia aconteceu, em cinco anos de trabalho.

– E aí, Gomes? Viu o e-mail que eu encaminhei pra você na terça?

– Hoje não se fala em trabalho!

E um silêncio se estabelece.

Alguém, no intuito de salvar a situação, sugere que o Dedé demonstre sua habilidade para imitações: “Imita aí o Gomes pedindo pra sair mais cedo!”. Dedé hesita, um coro o encoraja, “imita, imita!”, ele se rende, mas a brincadeira surte menos efeito do que deveria. Dedé ficará desgostoso com sua performance pelo resto do dia.

Aperitivos, rodízio, piadas, rodadas e mais rodadas de chopp, troca de presentes, conversas banais. Retrospectivas do ano que está no fim. Projetos para o ano novo. Um vai parar de fumar, outro vai emagrecer, outro vai largar a mulher, outro vai viajar...

Muitos lugares permanecem vazios. O chefe comenta o fato, com certa irritação, mas dona Lourdinha logo se desculpa: “bem que eu avisei que muita gente ia emendar o Natal com o fim de semana”.

Às cinco da tarde estão todos animados. Alguns estão até animados demais. Dona Lourdinha, após nove chopps, se sente mal e cambaleia até o banheiro. Vomita.

O evento foi um sucesso. A embriaguez de dona Lourdinha servirá como inspiração para gracinhas até dezembro do ano seguinte. O chefe entrega seu cartão de crédito para o garçom, que lhe traz a conta, e sorri ao ver todos ali, como uma verdadeira família, confraternizando-se uns com os outros.

DO CORAÇÃO

A gente

1. A gente namora.

Olho no olho. Mão na mão. Uma boca na outra boca. Pronto. Começou o namoro.

Um turbilhão toma conta da gente. Quero? Quanto? Como? O que até então era certeza agora é pisca-pisca. Ora acende medo, ora acende entrega, paixão, alegria, tristeza, tragédia, brincadeira. Pega-pegas. Esconde-esconde. Corações eternamente na berlinda.

Os outros três elementos dão lugar ao fogo.

Falta ar. Falta chão. Água vira desejo ou lágrima.

Um vai conhecendo o outro, a curiosidade não se esgota, e, enquanto as descobertas se encaixam, o amor invade tudo. E haja conversa. Festa. Grito. Beijos de não sei lá quantos minutos, pois imagina se a gente vai pensar em coisa besta como o tempo enquanto dá um beijo desse tipo? E haja mãos audaciosas. E palavras que escapolem da boca. Algumas até fazem corar. Principalmente as melhores.

O resto do mundo... Existe o resto do mundo?

Provavelmente, ônibus seguem suas rotas levando passageiros que seguem seus destinos, transeuntes passam, mães acalentam filhos, solitários penam, abandonos pesam, mangueiras, em algum lugar, continuam a dar mangas, o comércio funciona normalmente, os escritórios permanecem sérios, os cartórios autenticam documentos, aviões decolam e a Terra gira, o universo sobrevive, inteiro, cosmo, macrocosmo, tudo lá fora ainda existe.

Mas, se existir, não se repara neles. Nada importa senão um para o outro. (Exceto a lua, é claro.)

2. A gente namora e então casa.

Hora da decisão. Sim ou não? Sim. Prometo. Ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te por todos os dias da minha vida.

Só esqueceram de prometer os beijos. Será que acabou o namoro?

Agora é a vida. Agora é à vera. Fim da brincadeira.

Então vem o tempo, dia a dia, carregando, pedaço por pedaço, descoberta, conversa, festa, grito, mãos audaciosas, palavras fugitivas, e a gente vai deixando. Fazer o quê? É a vida que passa correndo, varrendo segredos, desejos e poeira. Casa para arrumar, trabalho para fazer, dinheiro para ganhar, filho para criar, preocupação para se preocupar, quem é que pode pensar em romance desse jeito?

Vez em quando, a menina implora, “me namora!”.

“Qualquer hora, meu bem, agora estou muito ocupado.”

Vez por outra é o menino que revive, “quer dançar?”.

“Dia desses, meu bem, hoje é dia de vida.”

E a vida é essa, assim, sem graça? Homem, mulher, filhos, mobília, pressa?

A família vai muito bem, obrigada. Mas, e aquela gargalhada? Nada ficou de herança, nenhuma esperança de abraço?

Depois.

Quando finalmente um olha para o outro, os dois já não se reconhecem. São ilustres desconhecidos. A solidão se estabelece. Que saudade da época do namoro. Deus quiser, saudade vira saída. Olho no olho. Mão na mão. Uma boca na outra boca. Pronto.

3. A gente namora e então casa e então namora.

Se a gente casa para não acabar o namoro, conclui-se que a gente casa

para continuar namorando. Na teoria é lindo. E na prática? Como é que se conserva o coração batendo? Existe uma fórmula? Duvido. Mas tenho algumas suspeitas. Um “The end” sobre a imagem de um casal feliz, ao invés de final, deveria ser apenas começo. Encontro. Paixão. Namoro. Casamento. Namoro. Paixão. Encontro. A vida acontecendo em círculos sem nunca perder o movimento. Assim é que era bom. Talvez seja uma insistente predileção por taquicardia. Ou talvez só o prazer de ver o amor invadindo tudo. Acho que nasci para namorar. Sou namoradeira. Ninguém se iluda. Todo sentimento nobre que me invade, qualquer frase que eu diga, a cor da blusa que escolho, o lápis no olho, o trabalho, o perfume, quando eu solto o meu cabelo, essa crônica, essa tarde, tudo é só para namorar, cada passo, gesto ou pensamento faz parte do meu namoro.

Desconfio que os homens se importam mais com feitos, fatos, obra, trabalho, dinheiro, sobrevivência. Problema deles.

Nada melhor que um beijo estonteante. Nem efeito de champanhe me alegra tanto quanto frio na barriga. Não dispenso pisca-pisca, entrega, medo, tremedeira, paixão, brincadeira, esconde-esconde, pega-pega, conversa, festa, grito, descoberta. Romântica?

Admito.

A campeã

Todo mundo já tinha avisado.

“Você está se anulando”, diziam uns, mais analíticos.

“Deixa de ser idiota”, diziam outros, mais práticos.

E ela, orgulhosa do seu coração transbordante, desdenhava: “essa gente não sabe o que é um grande amor”. E lá se ia.

Ela era apaixonada por ele desde garota e nunca duvidou que o seu amor era campeão. Ninguém em tempo algum jamais havia amado como ela, nem tinha sido feliz como eles dois. E essa imagem deles dois em cima de um pódio, dando banhos de champanhe nos pobres mortais, estava sedimentada nela feito rocha.

Tudo vinha mudando ultimamente, ela sabia. Mas tinha certeza absoluta de que ainda ia virar aquele jogo, reverter os estragos do tempo, desafiar a história da humanidade. Ia entrar pro livro dos recordes com o seu coração obstinado.

Procura-se um amor

Não precisa ser perfeito.

Não precisa ser para sempre.

Não precisa ser o maior de todos, desde que seja imenso.

Aceito defeitos de várias espécies, menos a indiferença.

Já vi no filme, na novela, no romance, e até na vida real (se bem que já faz um tempo).

Sei que já foi mais frequente, ou porque antes a gente era diferente, ou porque o mundo era outro, mas ouvi dizer que existe ainda.

É raro, eu sei, apesar disso procuro.

Pode ser louro, moreno, bonito, feio, médio, esquisito, muito magro, meio bronco, pode ter cabelo liso ou cacheado, não importa.

Se ele tiver alguma coisa de John Malkovitch misturado com Manoel de Barros, seria ótimo, mas não chega a ser exigência.

De preferência, que ligue todos os dias, sempre morrendo de saudade.

Seria lindo se ele me desse rosas vermelhas. (Mas também não precisa.)

Exijo apenas que ele me beije arrebatadoramente sempre que a gente se encontre, que ele fique pelo menos um pouco triste toda vez que a gente brigue, que ele fique bambo, às vezes, quase morto de desejo. (Não vou sugerir aqui a possibilidade de ele exagerar um pouco, se for preciso, para me deixar mais contente, apesar de saber que essa é uma solução possível.)

Procuro um amor de verdade. (Mesmo que ele minta, muito raramente.)

Estou plenamente consciente de que não é fácil.

Que dá trabalho.

Medo.

Insegurança.

Dúvida.

Dívida.

Traz cobrança.

Problema.

Sofrimento.

Ainda assim, estou preparada para arriscar, chorar, me descabelar, me virar, rebolar, me atirar do 8º andar, se valer a pena.

Prometo estudar sociologia, se for o caso, para tentar entender se antigamente os homens eram mais atirados ou se as mulheres é que eram mais simples. Se chegar a uma conclusão não muito satisfatória, prometo ainda dar a volta por cima.

Só vou dar uma única dica: homens, atenção, mulher gosta de ser seduzida.

Através de pesquisas, observações, entrevistas ou o que se julgar necessário, procurarei compreender os motivos que levam o sexo masculino a priorizar o trabalho e o sexo feminino a dar tanta importância ao amor. (Será essa a maior dificuldade de todas?)

Levarei em consideração fatores biológicos, históricos, atávicos, hereditários, atípicos.

Juro que, para me inspirar, vou ler muita poesia.

Me comprometo a ser doce, louca, carinhosa e compreensiva, na medida do possível.

Garanto aprender culinária, se isso for imprescindível.

Faço qualquer negócio.

Só não quero me jogar e depois ouvir um “ah, porque não sei que lá”.

Porque não sei que lá, nada. Aceito tudo, a não ser desculpas

esfarrapadas.

Faço questão de um mínimo de certeza, o suficiente para viver alguns dias felizes e algumas noites muito quentes.

Não abro mão de uns poucos detalhes: segredo no ouvido, muita libido e pelo menos um olhar apaixonado por semana.

O ideal é que o começo seja explosivo e o final – se houver final – seja por alguma razão inevitável. (Se não for o ideal, não faz mal. Tudo tem os seus defeitos.)

Não é difícil me encontrar.

Tenho uns 20 e tantos anos, tenho lá os meus encantos, me chamo Suzana, Marina, Tatiana, Isabela, Clarice, Isabel, Ana Cecília, Karina, Beatriz, Daniele, Sabrina, Pollyana, Sarita, Manuelita, Simone, Malena, Érika, Gabriela, Camila, Carolina, Mariana, Beth, Natara, Janaína, Josane, Thaís, Ronielle, Lígia, Girlane, Isadora, Maria, e estou espalhada pelo mundo inteiro.

DO TEMPO

A gaveta

Em alguma região do cérebro humano, numa gaveta meio emperrada, deve estar guardado tudo aquilo que pensamos que não lembramos mais, ou, explicando melhor, as lembranças que demos por esquecidas.

Vez por outra, elas escapam lá de dentro, trazendo consigo alguma sensação inesperada, um cheiro, uma música, uma imagem lavada pelo tempo, ou, no mínimo, a triste constatação da velhice que chega.

Enquanto as memórias úteis (nome, endereço, telefone, RG, CPF, “preciso levar a chave”, “três vezes quatro: doze”, “sexta tenho dentista”, dáblio, dáblio, dáblio, ponto alguma coisa, etc.) passeiam com livre trânsito pelas dobrinhas do encéfalo, estas outras permanecem engavetadas, penso eu, por um motivo óbvio. Se todas as informações de uma vida inteira pudessem circular livremente pelo nosso consciente, com certeza, enlouqueceríamos.

Talvez algumas dessas lembranças ocultas, por vaidade ou claustrofobia, tentem escapar da gaveta a todo custo.

Outras, quem sabe, preferem a reclusão e detestam quando são desencavadas por algum motivo.

Pode ser que, escondidas ali no seu universo, elas interajam em estranhas relações do tipo “um velho professor de geografia brincando com um coelhinho de pelúcia”.

Ou pode ser ainda que estejam em estado de hibernação, alheias ao fato de que podem ser invocadas a qualquer momento.

Seja lá qual for o regime que impera nesse mundo desconhecido, é possível que uma antiga vizinha de aparelho nos dentes se surpreenda ao se deparar repentinamente fora da gaveta, arrancada por uma

conversa banal: “sabe quem eu encontrei no banco? A Vaninha do 102. Casou, separou e tem três filhos”.

Com o advento dos programas de relacionamento da internet, muita gente tem sido desengavetada com uma simples mensagem de texto: “lembra de mim? Eu sentava ao seu lado na sétima série”. Essas mensagens às vezes vêm acompanhadas de uma foto de alguém vagamente parecido com aquele seu colega de classe, que se transforma no próprio tirando-se alguns anos e alguns quilos.

Mesmo quando não são atraídos por um estímulo exterior ao nosso pensamento, acontece com frequência de pessoas, objetos e fatos, supostamente esquecidos, surgirem de repente: “ah, como eu gostava daquele leãozinho dourado da medalha do vovô!”.

É comum que isso seja gerado por uma associação de ideias. Sinal verde – verde – ecologia – mico-leão-dourado.

Como também ocorre do esquecimento aparecer assim, do nada, “meu lápis de bandeirinhas mordido na ponta!”, tenho minhas suspeitas de que a gaveta pode estar semiaberta, ou até mesmo furada.

A questão de maior relevância desta tese, para mim, consiste na seguinte dúvida: será que as coisas esquecidas vivem tramando suas fugas, ou as coitadas escapolem apenas por causa de nossa atividade cerebral e, fora da gaveta, se sentem desprotegidas?

A segunda questão mais importante é: quem é mais poderosa, a ciência ou a fantasia?

A fantasia.

Por isso sempre temo pelo destino das lembranças que cismam em percorrer minha mente, não sei o que fazer com elas, e torço para que se acomodem onde se sentirem mais felizes.

Não.

Não me venham com palavras difíceis como hipotálamo, córtex

central, núcleo talâmico ou lobo parietal.

Eu aposto que está tudo lá dentro da gaveta.

A frase do tempo

E aí o Tempo cansou.

Parou.

Olhou para frente e não viu nada. E nem poderia ter visto coisa alguma, pois se o futuro não havia acontecido ainda, nada havia para se ver.

Então o Tempo pensou que nunca tinha parado antes. Nem mesmo para pensar. E concluiu que bastava ficar ali parado e tudo o mais pararia com ele. E aí se deu conta de que era, nada mais, nada menos, que o condutor dos acontecimentos, o desbravador do desconhecido, o senhor absoluto do depois, o escritor de cada palavra dessa imensa frase cujo final todo mundo desconhece.

Sentiu-se todo poderoso e supremo. Mas, logo em seguida, foi acometido por uma crise existencial sem precedentes.

Qual seria, afinal, a finalidade da sua longa jornada?

Haveria um objetivo? Um prêmio? A descoberta de um mistério? Uma faixa de chegada? Ou estaria ele destinado a seguir eternamente as reticências que sempre o conduziram para lugar nenhum?

E pela primeira vez, desde o começo de tudo, ele teve medo do que estava por vir. Sentiu-se inseguro, o Tempo. Quis ser adivinho. Quis acreditar na sorte. Quis que não fosse com ele. Quis evitar a próxima palavra desconhecida. Quis, enfim, desistir.

Foi quando ele olhou para trás e viu o ontem.

Em seguida lá estavam o anteontem, a quarta-feira, a terça, a segunda, e abril, março, fevereiro, janeiro, 2008, e o século passado, a Idade Média, a Pré-História...

Seria mais negócio seguir adiante, sabe-se lá até onde e quando, ou voltar pelo caminho percorrido até o começo, seu porto?

Já se passara muito tempo e o Tempo não se lembrava mais de onde partira.

Eram tantas as lembranças que elas se misturavam em imagens soltas e desalinhadas: confusos vazios, florestas, metrópoles, festas, batalhas, maremotos, desertos, multidões...

Enquanto ele pensava, tudo ficou pendurado no ar, mas esse vácuo não durou mais que a estranheza de uns instantes, pois o Tempo resolveu dar meia-volta e começou o regresso.

Estava cansado demais para seguir em direção ao ignorado. Talvez estivesse ficando velho. E quem sabe não rejuvenesceria, durante o reverso do caminho, até recuperar o frescor de outrora?

Muito lhe custava acompanhar o ritmo em que tinha vindo. Mesmo assim, foi indo. Revendo tudo se passar ao contrário.

Alguns fatos já estavam completamente esquecidos e lhe causaram tanto espanto quanto tinham causado da primeira vez que aconteceram.

Outras vezes, porém, durante a jornada, ele teve aquelas estranhas sensações de *déjà vu*.

Quanto mais se aproximava do início da frase, mais o Tempo ansiava em relembrar todo o pretérito e descobrir a sua origem.

Muitos séculos se passaram, de trás para a frente, até que a linha do horizonte foi virando um ponto. E só quando ele chegou lá, conseguiu ler as primeiras palavras que, estranhamente, terminavam exatamente no ponto inicial: “Era uma vez um tempo que ainda ia voltar”.

Só então o Tempo se lembrou que já tinha passado por ali incontáveis vezes, e, mais confuso do que nunca, já não sabia mais se aquilo era o início da história ou se era o seu final.

DA CABEÇA

A Perfeição

A Perfeição vivia num mundo perfeito que ninguém jamais havia alcançado.

Não havia sujeito, objeto, ação, predicado, pensamento, nem coisa alguma que conseguisse atingir aquele lugar.

A Perfeição vivia muito sozinha.

Ela e Deus.

Mas não se queixava.

Pensava que se queixar de um mundo perfeito seria exigência demais de sua parte.

Além de inadequado. Quem é perfeito se queixa?

Eis uma questão.

Independentemente disso, se não existia ninguém naquele mundo, para quem ela haveria de se queixar?

“Sem queixas, então!”, pensou a Perfeição.

E lá continuou, sozinha e calada, esperando o dia em que alguém alcançasse a perfeição para lhe fazer companhia.

Mas o tempo passava e nada.

Foi quando a Perfeição começou a achar aquilo meio imperfeito.

De que serve algo que não convém a ninguém?

Apenas uma hipótese

Morri de repente, numa tarde nublada do ano dois mil e quarenta e oito, no dia vinte e seis de março. No momento em que fechei os olhos para sempre, me vi aqui. Até que não é tão monótona assim a eternidade.

Daqui posso ver o passado, o presente e o futuro da maneira que bem entender. Adianto quantas casas quiser, volto para trás, se tiver vontade, altero a ordem das coisas. Sou Deus. Sempre fui. Todos nós éramos e não sabíamos. Passamos a vida inteira esperando chegar cinco horas, o dia seguinte, sexta à noite, o mês que vinha. O tempo era o motorista e nós andávamos de carona. Os que se sentiam responsáveis pelo futuro, pouquíssimos apenas, ditavam modas, moedas, costumes e formas de governo, enquanto aos outros restava andar em mão única e mais nada. Os que se negavam a seguir andando confundiam as datas ou perdiam a memória, esses eram chamados de loucos. Nós, que sabíamos conviver com a hipótese do futuro, sempre colada em nossos medos e desejos, continuávamos. O futuro era apenas uma hipótese. Uma gripe, uma traição, um prêmio de loteria podia nos pegar de surpresa daqui a pouco, e essa era a graça do futuro. Era assim, no passado. Era assim, naquele dia exatamente em que comecei a escrever essa crônica que estou escrevendo agora.

Era o ano 2000 e o futuro tinha me apanhado desprevenida. O dia em que eu seria adulta tinha chegado antes do que eu esperava, me surpreendeu fazendo planos para depois e me ensinou que depois dali podia ser tarde demais. Comecei essa crônica, como comecei tudo na vida, com a sensação de que amanhã eu saberia escrevê-la, só amanhã, hoje não, por favor, hoje não estou pronta ainda. Quase não pensava no

futuro. Quando pensava, imaginava ele parado lá na frente, esperando por mim, e o futuro era quase sempre prateado. Poucas vezes passou pela minha cabeça a ideia de dirigir a minha vida para onde quer que fosse. O meu destino estava nas mãos de um dirigente desconhecido, assim como o de um jogo de futebol estava nos pés dos jogadores, o do país pertencia a seus governantes e o destino das cartas era da responsabilidade dos correios. Tinha chegado até ali, Deus sabe como. Admito que a sorte, às vezes, tinha ajudado. No dia vinte e três de julho de dois mil, quando escrevi essa crônica, o dia vinte e seis de março de dois mil e quarenta e oito era apenas uma data impressa num calendário longínquo e depois disso também não existia.

Hoje sei que tudo podia ter acontecido de outro modo. O futuro que construí para mim era apenas uma hipótese, entre várias. Aprendi também, com o tempo, que ele podia ter sido um aliado. E escrevi essa crônica para deixar para a posteridade. Essa posteridade ao inverso que acabo de inventar agora, quando inventei que morri no futuro e construí essa absurda frase.

Ansiedade

Não sei qual de nós conhece melhor a outra, se é ela a mim ou eu a ela.

Sei a hora que ela chega, sem pedir permissão, geralmente tarde, por ter sempre ficado até muito tarde na véspera. É quando acordo.

Ela também sabe que acordei, ou se atrasaria, às vezes. E ela não se atrasa. Já entra confundindo tudo, desassossegada, me carrega, e então começa o dia.

Somos unha e carne. Não nos desatamos. Será que nos amamos? Convivemos.

(Se ela gostasse de mim, talvez nem viesse. Ou, ao contrário, é porque gosta de estar comigo que ela não me larga.)

Quanto a mim, sei muito bem, é ela que me move; só não sei se isso é alegria ou se é tragédia. Longe de querer ofendê-la, devo confessar: sim, ela me incomoda.

Tento me imaginar: rede balançando à beira-mar, brisa, lua, maresia, etc., e a calma.

Não em mim.

Acho que já vim com ela, lá de onde vim, e vou levá-la comigo, lá para onde for, sem nunca, nem por um instante, ter estado sozinha.

Acredito que aconteça o mesmo com todos os seres do universo, exceto com Dorival Caymmi e, admito, sinto enorme inveja dele por isso. *(Ela, em mim, torna tudo tão imprevisível que não se faz impossível Dorival revelar-se ansioso, e não Caymmi, negando a teoria acima mencionada.)* Sendo assim, diria eu, a conclusão é que ela é a praga do universo, ela é deusa, sábia, uma chata, insistente, não se toca, é uma metida, leva todos na sua lábia: “E aí? E se...? Se apresse. Vai ficar aí?

Virou poste?”.

Penso se ela é uma só, rainha, está em mim, em você, em toda a humanidade, ou se cada um tem a sua ansiedade, cada uma com as suas características.

Da minha, posso afirmar: ela me invade, me vence, me irrita, me ofende; sem mim é volátil, eu sou combustão e ela é fogo, manda em mim a desgraçada, e me enlouquece, me acalenta, não me esquece, é companhia.

Será que todas elas são assim?

Será que existem outras?

Será que são uma mesma entidade?

Será, será, será, olha ela, como sempre, enchendo de “serás” a minha vida.

O que seria de mim sem ela?

Não é fácil cogitar um eu sem eu dentro, casca de algo tão distante de mim quanto os piratas do Caribe.

Mas, afinal, eu sou eu ou eu sou ela, quem é ela?, essa aí que me pergunta “quem sou eu?”, dia após dia, e nunca encontra resposta, e, se encontra, logo descarta por pura implicância com a aceitação, o vazio, a paz, a constância, harmonia.

O que seria dela sem mim?

Não é fácil presumir ela solta por aí sem meu coração pra bater, e acelerar, quase morrer, ir passear, passos largos e rápidos, pra onde?, sei lá, e aí correr, de quê?, e eu que sei?, pra algum lugar, cantarolar, ouvir a mesma música mil vezes seguidas, repetir na cabeça a mesma frase sem sentido até pensar pra que eu estou repetindo essa frase sem sentido na cabeça, e aí, uma hora qualquer, na maioria das vezes, já perto da loucura, se pôr a escrever coisas, palavras, frases, crônicas, livros, diálogos que jamais existiram, maluquices de toda espécie, será que ela

sabe escrever?, com quantos dedos? Imaginação não lhe falta ou ela não viveria me soprando hipóteses, desgraças, acidentes, romances, enredos, mentiras.

Não adianta tentar separar.

Racionalizar.

“Eu sou eu, ela é ela.”

Eu e ela, feliz ou infelizmente, já estamos acostumadas uma com a outra.

Dividimos vários suplícios.

Rimos juntas.

Derramamos prantos.

Bebemos.

Dançamos.

Pra depois, tarde da noite, eu pedir encarecidamente, “agora vai”, e ela continuar aqui sem dar ao menos uma trégua.

DA TERNURA

A moça grávida

Ela é uma barriga.

Ela é uma criança.

Ela é uma mãe de família.

Ela é expectativa.

Ela é progesterona.

Ela é resplandecente.

Ela é uma inconstante.

Ela é uma enjoada.

Ela é obsessiva.

Ela é impaciente.

Ela é perseverante.

Ela é uma embalagem.

Ela é só sentimento.

Ela é uma semente.

Ela é uma grande estrela.

Ela é coadjuvante.

Ela é muito dramática.

Ela é uma agonia.

Ela é muito carente.

Ela é quem menos importa.

Ela é o umbigo do mundo.

Ela é a eternidade.

Ela é um por enquanto.

Ela é uma medrosa.

Ela é uma leoa.

Ela é uma rainha.
Ela é subordinada.
Ela é uma morada.
Ela é muito nutriente.
Ela é quem sabe de tudo.
Ela não sabe de nada.
Ela não sabe se sabe.
Ela é só esperança.
Ela é prolífera.
Ela é operária.
Ela é uma fábrica.
Ela é um veículo.
Ela é de ferro.
Ela é de vidro.
Ela é de lua.
Ela é uma menina.
Ela é a harmonia.
Ela é Deus acontecendo.
Ela é o amor em pessoa.

Amor de mãe

Hora de acordar!

Um dia maravilhoso lá fora e você mofando nesse quarto, minha filha? Todas as meninas da sua idade estão por aí, vivendo saudavelmente a vida, e você, que é a mais linda de todas, fica aqui vegetando no meio dessa bagunça, e *ketchup* em cima da cama também já é demais, não acha, não? Eu sei que é sábado. Dia de dormir até mais tarde. E você quer aproveitar o feriadão. Mas, exatamente porque é sábado e você precisa aproveitar o feriadão, você devia sair, arejar, dar uma caminhada, ver pessoas, você vai terminar com fobia social, e todo mundo tem que tomar um pouco de sol, com muito protetor solar, é claro, se não quiser ficar carente de vitamina D, Deus me livre, já pensou? Eu sei que você já sabe disso, que eu já falei mil vezes, juro que é a última vez que eu falo, pronto, parei, mas é que dá até um aperto no coração a gente ver a própria filha desperdiçar a juventude enfiada num cubículo com um computador na frente. Vou preparar uma vitamina de banana pro meu bebê ficar forte e... Sanduíche de presunto é embutido, minha filha, uma verdadeira desgraça para o organismo, e é por isso que você vive gripada, porque fica se entupindo com uma porcaria atrás da outra, é macarrão instantâneo o dia inteiro, valor nutritivo zero, e ainda vai engordar horrores, depois não diga que eu não avisei. Está bom. Avisei sim. Mais de mil vezes. Eu sou praticamente um quadro de avisos, não deixo você aprender as coisas por conta própria porque não paro de falar, mas como é que você vai aprender as coisas por conta própria se você não faz nada direito e eu tenho que dizer, coisa por coisa, o que é que você tem que fazer? Não levanta assim de repente que você vai ver

tudo preto. Respira, dá uma espreguiçada, e vai levantando aos pouquinhos que a mamãe vai buscar o protetor solar, aliás, os protetores solares, porque tem que ser de fator 60 no rosto e de 30 no corpo, mas se não espalhar direito vai ficar toda manchada quando tiver a minha idade, sem falar nos radicais livres, e é por isso que eu falo que a vitamina D... Tudo bem, esquece a vitamina D. A mamãe também não quer ser uma pessoa obsessiva, nem controladora, e você já está quase uma moça, praticamente uma mulher feita que precisa assumir as responsabilidades da sua saúde, do seu futuro, dos seus radicais livres, e da sua aparência. Por falar nisso, já viu como a Júlia, filha da Sandra, desabrochou? Logo a Júlia que era tão sem gracinha. Mas também tem que se levar em conta que aquela menina tem uma força de vontade impressionante, diz que ela está fazendo um estágio não sei onde, acorda cedíssimo, pega o metrô e ainda faz luta chinesa. Ou é japonesa? Só sei que é ótimo para... Eu não estou comparando você com a Júlia, filha da Sandra, você é muito melhor do que todas as filhas de todas as minhas amigas, você é dona de um potencial extraordinário, e é justamente por isso que eu reconheço que às vezes fico batendo na mesma tecla, afinal não posso assistir calada ao meu bebezinho, que mal saiu do berço, desperdiçar toda essa beleza, inteligência e talento que Deus lhe deu... Eu sei que a vida é sua, mas eu não tenho culpa se você não cuida dela como deveria, e ninguém no mundo quer mais o seu bem do que eu, por que é que você acha que eu estou com essa dor no pescoço e essa úlcera que ainda vai acabar comigo? É tudo por você. Não que eu esteja chamando você de úlcera ou, muito menos, insinuando que você vai acabar comigo, de jeito nenhum, você é tudo o que importa na minha vida. E é por isso mesmo que eu vou fazer a sua vitamina, buscar o protetor solar e ligar pra Sandra avisando que você vai passar lá pra convidar a Júlia pra dar uma volta no parque...

Esqueci de dar bom-dia?

Bom-dia, meu amor.

DO COTIDIANO

A mocinha

Ela está pronta para sair, linda como nunca, a noite é dela.

Sua vida é inspirada na mocinha do seriado que ela mais gosta.

Seu figurino também.

O cabelo, puxado com um laço, cai desmanchado sobre os ombros. Sombra, delineador, lápis, rímel, batom. Vestido bonito, sapato alto, bolsa retrô. Estamos em 2009, mas ela podia estar em qualquer tempo, em qualquer lugar, inclusive na tela.

Ela é diferente das antigas mocinhas de romances, filmes e novelas: é mais esperta, mais descolada, mais engraçada, mais liberta, mais maluca.

É sentimental, temperamental, ingênua e romântica: ela é igualzinha às antigas mocinhas de romances, filmes e novelas.

O enredo da sua existência é composto por um conflito pessoal, problemas em casa, na escola ou no trabalho, uma vilã ou um vilão no seu caminho, e o desejo de encontrar um par.

A mocinha tem algo de Julieta. Tem algo de Cinderela. Tem algo de Dama das Camélias. Tem algo de Madame Bovary. Tem algo de Megera Domada. Tem algo de Vivien Leigh. Tem algo de Marilyn Monroe. Tem algo de Simone de Beauvoir. Tem algo de Leila Diniz. Tem algo de Amélie Poulain. Tem algo de Jeniffer Aniston. Tem algo de mulherzinha. Tem algo de mulherão.

Ela é minha filha, ou sua filha, minha sobrinha, sua irmã, sua vizinha.

No episódio de hoje, a mocinha quer viver uma aventura. Ou quer um amor eterno. Quer ficar apaixonada. Ou quer dar uma virada. Ou quer romper com o passado. Ou quer inventar um futuro. Ou quer resolver

sua vida. Ou tudo isso ao mesmo tempo. Quer ter um final feliz, é claro.

Uma cerveja na calçada? Uma tequila no *lounge*? Uma boate GLS? Uma balada fashion? Um lugar alternativo? Rock? Pop? MPB? Country? Dance? Música eletrônica? Tanto faz.

A mocinha dá uma última olhada no espelho, conserta a postura e sai de casa. Seu coração é toda a esperança que existe. Ainda no elevador, tem um pressentimento: é hoje. Na rua, a lua cheia confirma: é hoje, mesmo.

Começa a gincana. As amigas, os rapazes, aquela música, uma leve doideira, o carinha de azul, vai chegar nela, quase chega, não chegou. Uma dose. Começa de novo. Vai ao banheiro, retoca a maquiagem, ouve um segredo, parte pra pista, olha o de amarelo, passou.

Ela pensa em desistir. Será que chama um táxi? Não. Hoje é sábado e todo mundo sabe que sábado é dia de *sim*. Ela persiste. Mais uma dose, a doideira está doida, a amiga está triste, o carinha de azul está com a moça de saia preta, deixa ele, lá vem outro, não veio, dançou.

Já são quase cinco da manhã.

Não apareceu príncipe, nem herói, sequer um conquistador.

Ela não ouviu galanteio, ela não deu nem um beijo, ela não teve surpresa.

Voltou para casa, jogou o vestido no chão do quarto, dormiu maquiada, não trouxe lembrança importante.

A noite não foi dela.

Deve ter alguma coisa meio estranha com a noite.

A gérbera

Ela nasceu uma gérbera amarela.

Poderia ter nascido uma violeta azul, um cravo branco, uma jabuticaba, uma amendoeira, um tamanduá, um japonês.

Mas nasceu gérbera, “gênero de plantas herbáceas perenes da família das compostas, dotadas de folhas basais, e flores reunidas em capítulos solitários e multifloros de 10 cm de diâmetro, intensamente coloridos, e cujo fruto é aquênio acicular”.

Cresceu ao lado de muitas outras semelhantes a ela e era regada diariamente por um ser de cabeça, tronco e membros (chamado “homem”).

Alguns dias eram de chuva, outros eram de sol. Quando ventava fraco, ela aproveitava para dançar um pouco. Mas se vinha um vento mais forte, suas pétalas ficavam muito assanhadas, às vezes, até caíam, e ela tinha medo de virar uma flor careca.

Pensava sempre na existência da vida: germinar, brotar, crescer, e depois?

Corria um boato, lá entre as flores, que um dia todas seriam arrancadas para alguma finalidade desconhecida. Uma contava isso para outra, que contava para outra, e já havia se tornado um saber atávico por ali que o futuro das flores cultivadas geralmente é esse: ir parar numa floricultura, e torcer para, então, terminar seus dias num lugar agradável.

As rosas vermelhas se vangloriavam de serem as campeãs da preferência entre os homens apaixonados.

Os cravos apostavam na possibilidade de um dia desempenhar a

função de enfeitar uma lapela em solenidades importantes, como casamento, por exemplo.

Casamento, aliás, era um frequente destino para as flores de laranjeira.

As margaridas, todas risonhas, geralmente eram eleitas para alegrar ambientes.

E assim a gérbera ia vivendo, sem saber qual seria seu fim. “É a vida”, pensava ela. Nuvens chovem, raios caem, folhas voam, pedras rolam, árvores dão frutos, pessoas dão flores, umas pras outras.

Pessoas fazem e acontecem.

E eis que aconteceu de o homem que regava a gérbera amarela aparecer, numa manhã, acompanhado de muitos outros homens e um objeto enorme (cujo nome era caminhão, mas esse detalhe as flores ignoravam). Sabiam apenas que quando aquele objeto se aproximava era sinal de que, muito provavelmente, havia chegado o dia delas.

Havia mesmo.

Depois de devidamente arrancada, a gérbera amarela viajou por muitas horas, junto com centenas de colegas, chacoalhando por caminhos (denominados estradas), e experimentou sensações inéditas como correr, subir, descer, virar à direita, ou à esquerda, parar, de repente.

Já era noite quando a viagem terminou. As flores foram retiradas do caminhão, separadas pelo critério – espécies e cores – e colocadas em baldes cheios de água, num lugar que cheirava a flor como nenhum outro.

O dia havia nascido há algumas horas quando alguém pegou a gérbera amarela, várias outras, amarelas como ela, mais algumas brancas, e foi amarrando uma por uma com um negócio (arame) até todas formarem um círculo. Parecia até que elas brincavam de roda.

Naquela tarde, no velório de um pai, um filho olhou para a gérbera

amarela, no meio das outras todas, e pensou que preferia ter nascido uma flor a ter nascido um menino, quase 33 anos antes.

A gata e a porta

A porta estava entreaberta.

A gata espiou pela brecha, pareceu gostar do que viu do outro lado, resolveu passar.

Não havia espaço suficiente.

Era uma porta dupla, de correr, com abertura no centro.

Ela então começou a usar suas patas, como se fossem mãos, para abrir passagem.

Com a pata direita, empurrava a banda esquerda da porta. Com a pata esquerda, empurrava a banda direita. Como se tivesse completo conhecimento das leis da física.

Nenhum dos lados da porta cedeu, e ela arriscou enfiar a cabeça.

Forçou um pouco.

Quase que dava.

Ela percebeu a sutileza do quase, como se tivesse exata compreensão da semântica.

Voltou atrás.

Avaliou melhor o inimigo.

Tentou com as patas de novo, usando um pouco mais de força.

Nada.

Sem outra alternativa no momento, a gata se sentou em frente à brecha da porta e lá ficou.

À espreita.

Esperando que algum fenômeno acontecesse, interferindo nas condições desfavoráveis às suas possibilidades.

Eu, uma pobre pessoa tentando escrever uma crônica, senti pena da

gata.

Levantei da frente do computador, com a intenção de abrir a porta para ela, mas a gata estava tão concentrada em seu desafio que eu resolvi reconsiderar a minha interferência.

Era a vontade dela. O interesse dela. Um problema dela, e não meu.

Quem era eu para roubar o seu direito de resolver o seu problema?

Sentei de novo em frente ao computador, mas já não via mais a tela, preferia observar a cena.

A gata olhava para a porta da esquerda, para a porta da direita, para a brecha no meio.

E, acho eu, pensava.

Talvez pensasse em relações de massa, volume e espaço.

Talvez pensasse em como poderia ser bom do lado de lá da porta.

Talvez pensasse em outras alternativas para solucionar sua questão imediata.

Talvez pensasse somente na sua condição – felina, quadrúpede, curiosa, impossibilitada de abrir portas.

Talvez nem estivesse pensando, e apenas esperasse.

Algo haveria de acontecer, em algum momento. Fenômenos ocorrem. Circunstâncias mudam. Nada é estático. Tudo se transforma, no seu próprio tempo. É inútil tentar converter a natureza das coisas. O calor vem com o verão, as flores com a primavera, as portas se abrem quando são abertas. Nem tudo o que a gente quer se dá na hora que a gente quer.

Daí a gata olhou em volta, me fitou por um segundo, subiu na cadeira ao meu lado, e ficou ali, imóvel, em posição de gato, servindo de objeto decorativo. Como se tivesse uma perfeita noção de estética.

E eu, uma pobre pessoa tentando escrever uma crônica, senti pena de mim.

A revolta da natureza

Eu sei que é verão.

Desde o solstício de dezembro até o equinócio de março.

Já me falaram isso.

Eu sei muito bem que aqui é o Rio de Janeiro e que o Rio de Janeiro é assim mesmo.

Eu também nasci no Rio, Sol.

Eu também gosto dele.

Eu entendo o seu raciocínio. Tanta gente vem passar o verão aqui, o que é que você ia fazer em outro lugar, não é?

Faz sentido.

Mas será que esse ano você não está exagerando um pouquinho?

Bem que você podia ficar mais calminho, mais compreensivo, mais condescendente.

Será que precisa atravessar os buracos do ozônio com tanta fúria assim e derreter a gente desse jeito?

Calma. Eu sei. Não foi você que fez os buracos, Sol. Que mania que você tem de acusar para se defender. Tá bom. Quem fez os buracos foi a gente.

Mas você também não pode ver um buraco que já passa.

É claro que o pessoal da praia não reclama de você. O pessoal da praia foi à praia pra isso mesmo. Pra levar sol, dar um mergulho. O pessoal da praia reclama é de não poder nem mergulhar. Pronto. Agora foi o Mar que ficou chateado comigo.

Eu não estou falando com você, Mar.

Não se meta na conversa.

Você também não tem culpa nenhuma. Por acaso alguém aqui disse que a culpa era sua?

É claro que você não gosta de sujeira. Eu sei que você preferiria ser bem limpinho. Você também tem saudades dos peixinhos, das criancinhas, das pranchas de isopor, das boias de patinho. Você também sente falta de lambar os castelinhos de areia na beira da praia.

Desculpa, Mar, não fica triste.

Eu falei sem pensar.

Não era a minha intenção ofender ninguém.

Mas que você está sujo, está.

Tudo bem. Foi a gente. Então esquece.

Era com o Sol que eu estava falando.

Sol!

Você tá aí?

Sumiu o Sol.

Ficou aborrecido e se escondeu atrás da Nuvem.

Será que dá pra sair da frente por favor, Nuvem? Eu estava falando com o Sol. É só um minutinho. Ele já estava quase se convencendo.

Veio pra ajudar? Que bom. A gente agradece.

Uma sombrinha não faz mal a ninguém, mas logo agora, no meio da conversa?

Só faltava essa. Ficou chateada, a Nuvem. Começou a chover tudo agora.

Só não vá chover uma tempestade, pelo amor de Deus, e provocar uma enchente.

Eu sei que, se as galerias estivessem limpas, a água escoava e não tinha problema.

O problema são as galerias, Nuvem, não é você. Mas chovendo desse jeito também vai acabar desabando tudo.

Não precisa se irritar.

Eu sei que o problema é a falta de contenção, de ação, de atenção, de cuidado, de trabalho, de dinheiro. É um verdadeiro descaso. Eu concordo com a senhora. Ficou triste? Já vi que ficou. Não chora, Nuvem.

Não chove, Chuva. Cala a boca, Trovão. Para, Raio. Fica quieto, Vento. Revoltaram-se todos.

É nisso que dá importunar a natureza.

Amor proibido

Dazinha era como os sobrinhos a chamavam.

Foi uma linda moça de olhos azuis, quando jovem.

Não teve filhos.

Porque nunca se casou.

Porque durante mais de vinte anos teve um caso secreto, mas tão necessariamente secreto, que abalaria a política brasileira da época, se fosse descoberto.

Não se soube, não se viu.

Quando completou 40 anos, ela resolveu que era hora de dar fim ao romance. “Onde já se viu uma velha apaixonada de namorinho escondido por aí?” – explicaria muito mais tarde. Então foi distribuindo aquele amor engaiolado entre os sobrinhos que iam nascendo.

Todos tinham sua parcela de sapatinhos de lã tricotados pela própria, balas de leite, bonecas, bichinhos, brinquedos eletrônicos de última geração, histórias para dormir.

Por não ter o título de mãe, estava no seu direito perverter todas as regras vigentes. A palavra “obrigação”, sem encontrar uso naquela espécie de amor, ficava da porta para fora da casa. Os lençóis da Dazinha tinham cheiro de nuvem, a cristaleira da sala acolhia delicados mistérios, as batatas fritas de domingo eram inigualáveis. (Naquele tempo eram permitidas batatas fritas).

Nos anos 70, as adolescentes apaixonadas despejavam todas as suas aflições nos ouvidos da tia. Ela ouvia histórias de todos os tipos sem se admirar com coisa alguma e dava conselhos que não combinavam com aquela velhinha de cabelos brancos. Pautava suas apreciações em

conceitos avançados demais para aquele século. E para este também, talvez, visto que ainda insistimos em arbitrar a vida alheia.

Seus sobrinhos eram os mais bonitos, os mais inteligentes, os melhores em tudo, as únicas criaturas perfeitas da face da Terra, e aí de quem duvidasse disso.

Ainda hoje corre na família a “história do gato.” No dia do seu aniversário de 80 anos, a família saiu em caravana para almoçar fora. Ela ia no carro de uma das sobrinhas, minha irmã, rodeada de sobrinhos-netos. Eu ia dirigindo meu carro, um pouco mais à frente, quando, por infelicidade, atrolei um gato. Do ponto de vista da Dazinha, um motorista de táxi teria sido o autor do crime. Quando chegamos ao restaurante, ela veio comentar, indignada: “viste que maldade? Aquele motorista de táxi desalmado atropelou o pobre gatinho”. “Fui eu que atrolei o gato”, fui forçada a confessar. “Mas também esses gatos se atiram na frente dos carros!”, assim resolveu ela.

Certa noite, convocou as sobrinhas para uma reunião confidencial e então contou, detalhe por detalhe, sua história secreta. Foi no dia em que ele morreu. Os jornais anunciavam o óbito. O velório acontecia, com as pompas que o falecido merecia, em outra cidade do país. A maneira que ela encontrou de prestar as últimas homenagens ao amor da sua vida foi com riso, choro e espanto.

Ao ser avisada pelo médico que precisaria ser removida para a UTI, protestou: “não posso! E quem vai cuidar das meninas?” As meninas em questão tinham entre 30 e 50 anos naquele junho de 1994.

Dazinha morreu aos 85 anos, de causas naturais.

Na prateleira de cima do armário do meu quarto, uma antiga caixa de madeira guarda até hoje as recordações daquele amor proibido. No meio de retratos amarelados, cartas, bilhetes e telegramas, algo me comove especialmente. É uma foto oficial dele, numa solenidade de posse

importante. No verso da foto, a dedicatória para ela: “Existir para você, eis o meu posto”.

Para Paulo.



A escritora

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro, em 1960, mas passou boa parte de sua vida em Recife, onde se formou em arquitetura. Adriana nunca exerceu a profissão, mas com certeza usa suas habilidades arquitetônicas para criar as rocambolescas estruturas de suas histórias, sempre muito divertidas e influenciadas pelo folclore nordestino.

Ela é escritora premiada de livros para crianças, jovens e adultos. Mas também encanta o público com seu talento nos roteiros que cria para programas de TV (A comédia da vida privada; A grande família; As brasileiras; Louco por elas); para o cinema (O auto da compadecida; A máquina; O ano em que meus pais saíram de férias; Fica comigo essa noite; Mulher invisível; Eu e o meu guarda-chuva; Se eu fosse você 1 e 2) e também para o teatro (A vida em rosa e Tarja preta).

Todos os livros de Adriana Falcão estão sendo publicados pela Editora Salamandra.

Livros para crianças: Mania de explicação; A tampa do céu; Sete histórias para contar; Valentina cabeça na lua; e A gaiola.

Livros para jovens e adultos: Luna Clara & Apolo Onze; A comédia dos anjos;

Procura-se um amor; A máquina; e O Doido da Garrafa.

Texto © 2013 Adriana Falcão

Ilustrações © 2013 Carlos Araujo

Editora Salamandra: 1ª edição, 2013.

1ª edição digital 2013

ISBN 978-85-16-08938-2

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.salamandra.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Falcão, Adriana

Procura-se um amor [livro eletrônico] / Adriana
Falcão [ilustrações de Carlos Araujo]. -- 2. ed. --
São Paulo : Moderna, 2013.

1,4 MD ; e-PUB

1. Crônicas - Literatura infantojuvenil
I. Araujo, Carlos. II. Título.

13-10660

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Crônicas : Literatura juvenil 028.5